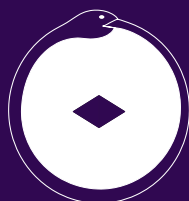
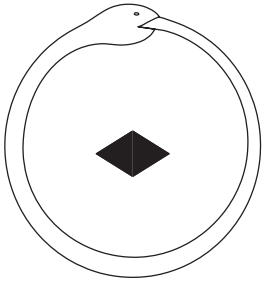


UM RAIO CAIU BEM AQUI DO LADO
Ailton Krenak



cadernos
SELVAGEM



UM RAIO CAIU BEM AQUI DO LADO

Ailton Krenak

Quando entendemos que o DNA da vida nos transforma, isso nos tira desse lugar aparentemente estabilizado do corpo, do casulo, como diz Emanuele Coccia, e, ao sairmos do casulo, percebemos que somos vida, vida em tudo: vida passando a partir de nós, através de nós.

Em *A serpente cósmica, o DNA e a origem do saber*, Jeremy Narby nos provocou a um contato com o pensamento dos pajés, dos xamãs que viveram sua experiência continuada dentro da floresta, aprendendo com as plantas e com outros seres não humanos essa transcendência, essa possibilidade de nos associarmos com uma cosmovisão alegre, celebrativa da vida, no entendimento de que a vida é a Terra mesma. Ela é a vida. E nosso corpo é composto de células, de micropartículas da vida desse organismo que é Gaia.

Então conseguimos fazer essa experiência de relacionar o respirar, o bater do coração, o funcionar do pulmão com o funcionamento da biosfera, desse organismo fantástico que é a Terra. Conseguimos também atinar com a ideia da vida em transformação o tempo inteiro.

Fico muito feliz em ter colegas como o Jeremy Narby, o Emanuele Coccia, o Antônio Nobre, o Fábio Scarano, toda essa turma que foi chegando e que foi nos revelando a ciência. Aquela ciência que ficava guardada em uma vitrine bonitinha, na frente da qual as pessoas passam, acham bonito, mas não tocam, porque a ciência é algo muito blindado para o senso comum.

A serpente cósmica, de Jeremy Narby, provoca um estilhaço na visão exclusiva da ciência e nos mostra que em todas as culturas, no mundo inteiro, a serpente, o DNA, a escadinha, nós, o céu e a terra, suspender o céu, o cantar, o dançar se constituem em uma mesma poética da existência. Não há uma ciência proibida. A ciência não é proibida, assim como a árvore da vida não é proibida. A árvore da vida é liberada para a

experiência do conhecimento, que acende uma disposição amorosa em relação à vida e a todos os seres. Essa experiência do humano podendo se celebrar como vida é maravilhosa.

O saber dos nossos pajés, o conhecimento fornecido pelas plantas-mestras ou pelo cientista no laboratório são todos saberes que se inter-relacionam. Os saberes se comunicam, mesmo com décadas de distância entre uma observação e outra. O saber de quem vive há séculos dentro da floresta é capaz de chegar a conclusões bem próximas da ciência.

No livro *A queda do céu*, o Kopenawa Yanomami fala do *xapiri*, que não é visível a olho nu. Ele exige um sofisticado aparelho, que esse conhecedor da floresta consegue utilizar para ver onde está a presença invisível dessa entidade, dessa matéria, que ele sabe que existe e que pode ser um perigo, dependendo dos tipos de relação que se estabelecem entre os corpos, entre o corpo humano e os outros corpos que estão vivos.

Para além da ecologia que é determinada para o corpo humano, ele, o corpo, está ativo em um outro campo: no cosmos. Não fica só limitado, por exemplo, a um ambiente tropical. Aquela ideia de que o ambiente tropical propicia o surgimento de algum tipo de vírus, essa não vida que está quase viva pode ser mortal. O universo de seres que podem nos causar dano é incontável. Ele é tão complexo quanto podemos imaginar a complexidade da vida. Essa complexidade é a mesma de contatos que podem virar contágio.

Os saberes da floresta, que são constituídos ao longo de séculos, transmitidos continuamente, testados, experimentados da mesma maneira que as práticas do laboratório, implicam teste, experiência, observação. Os trabalhos e o conhecimento sobre o poder de cura das plantas sempre vão estar associados a um outro conhecimento, que não é só o do uso da planta.

Conversando com uma mulher indígena do povo Guarani Kaiowá, ela disse: “Minha mãe nos protegeu contra a covid-19 usando nossa medicina. Porque não temos hospital, não temos nenhum desses aparatos lá de fora. A gente não ficou esperando uma vacina. A gente se protegeu com nosso saber”. Eu entendi que ela estava com o maracá e pronunciando palavras sagradas. O maracá e as palavras sagradas, junto com o uso das plantas, criam um efeito, promovem um tipo de mudança que

não vem só das plantas ou das palavras. Há um conjunto de elementos que são convocados: o maracá, o canto, o princípio ativo que está na planta. Por exemplo, quando tomamos Ayahuasca, a experiência que temos não é exclusivamente por ingerir aquela bebida. É também a nossa subjetividade, a disposição amorosa com a qual estamos entrando em contato com aquele saber. É assim que vamos ser admitidos como alunos. Quando falamos em planta-mestra, é porque temos que encará-la como mestra, senão ela também não irá nos tratar como aprendiz.

A disposição da família dessa mulher, de enfrentar o risco de um contágio protegida somente pelas plantas, maracás e cantos, me parece um conhecimento que nos dá a capacidade de negociar nossa experiência da vida com outros seres vivos e não vivos, no sentido de entender a vida como essa sutil distinção entre o vírus e o veneno. O veneno está em tudo, assim como a possibilidade desse vírus. Uma vida que negocia diariamente com os outros seres, da água, do fogo, da terra e do ar, a sua presença nesse concerto de seres vivos no planeta. Não é só quando a gente adocece. Você não espera alguém ficar doente para entrar em tratativas com aquilo que pode te matar.

Na floresta, ou mesmo no deserto, você está andando em um território onde muitos outros seres habitam. É preciso trocar com eles algum tipo de entendimento, para que não sejamos mortos. Essa é a experiência que muita gente teve esse ano e entrou em estado de choque. Porque acho que muitos foram obrigados a entender que a possibilidade de morrer, de algo te matar, não é só um conflito entre humanos. Pode ser algo que surge “do nada”, de um lugar escondido.

É um aprendizado maravilhoso, que está sendo muito difundido, porque a crise sanitária alcançou todos os lugares. Pessoas simples e pessoas com mais formação, todos estão sendo obrigados a olhar em volta e perceber o que pode matá-los. Não para gerar uma paranoia, mas para gerar uma consciência.

Além de todas as observações que foram feitas sobre o efeito do vírus na nossa realidade econômica e comportamental, achei muito interessante a observação que o Jeremy Narby faz sobre o fato de estarmos vivendo globalmente uma experiência que pode nos reeducar a pensar o lugar do humano. O quanto esse humano é capaz de dar conta de si?

Em uma das oportunidades de conversa pública que tive nesse ano de 2020, me veio a inspiração de que a Terra está nos dizendo: “Silêncio”. Essa inspiração, assim como as visões que estão expressas em *Ideias para adiar o fim do mundo*, são fruto de uma sensível comunicação com gente com que convivi nos últimos 40, 50 anos, em diferentes contextos culturais, mas principalmente com nossos parentes que vivem a vida na floresta e que precisam negociar todos os dias a caça, a pesca, o alimento que é tirado da roça.

Quando você vai colher uma planta, você pede ao lugar em que ela está o direito de fazer uma retirada. Sejam alguns pedaços da planta para você fazer um remédio, seja colher um alimento da horta ou da roça. Você faz o mesmo pedido quando vai pescar, caçar. Você não caça qualquer um. Você busca uma negociação e uma certa autorização para obter da natureza algo de que você precisa para si mesmo. Você deve justificar isso. Você não pode assaltar a natureza. Tem que ter uma razão para retirar. Então, parece que o vírus pode estar nos dando uma espécie de aviso, dizendo: “Vocês não podem pegar o que quiserem. Vocês precisam explicar por que estão pegando”. É maravilhoso imaginar, a despeito do sofrimento e de muita gente estar morrendo com o vírus, que estamos passando por uma dura lição que pode nos reeducar, nos reconduzir a uma experiência da vida aqui na Terra, mesmo que não com essa população à qual estamos acostumados.

Somos oito bilhões de pessoas no planeta. E ninguém para para pensar quando seremos vinte ou cem bilhões. Não temos limite. Não botamos limite em nossa própria ambição de consumir, consumir, consumir. É nesse sentido que falo que a ideia de reciclar, assim como a ideia de sustentabilidade, são argumentos limitados ao ambiente socioeconômico. Se estamos pensando em um arranjo para justificar a economia dominando a ecologia, vamos dizer que tal coisa é sustentável. Mas se pensarmos criticamente, fora desse modelo econômico de consumo, vamos entender que, na natureza, não existe a possibilidade de uma equação sustentável.

Na natureza, sempre um pode matar o outro. Se um pode matar o outro, e é isso que o vírus está mostrando, isso nos ensina também que uma elaboração mental que pretende justificar o consumo com a ideia

de sustentabilidade vai se demonstrar insuficiente quando os oceanos estiverem doentes e quando as águas começarem a subir nas cidades litorâneas, configurando uma situação extrema, em que o clima do planeta não suporta o nosso comportamento. De certa maneira, o vírus vem para nos reeducar, com uma pedagogia da violência, autoritária. Ele chega e fala: “Já que vocês não aprendem sozinhos, eu corto a cabeça de vocês”. Ao nos matar, é isso que o vírus está falando: “Olhe em volta de você, porque há muita coisa que pode te matar”.

Essa constatação pode ser percebida por alguém como uma dor a mais. Mas ela também pode ser percebida como uma importante lição para quem sobreviver. Sabemos que essa lição implica em matar, é uma lição que mata. Se estamos vivendo um tempo de transformação, esta lição pode ser um elemento da nossa evolução. Em vez de condenarmos a experiência do vírus como uma maldição, uma desgraça que caiu sobre nós, poderíamos entender que estamos sendo convocados a uma atenção maior, a um cuidado maior com tudo que nos relacionamos. As necessidades de limpar as mãos com álcool em gel, de manter distância, de evitar aglomerações, de usar máscara são pedagogias que o vírus está utilizando. É como educar uma criança: “Não vai naquele lugar ali, não; não põe a mão ali que é perigoso”. O vírus está nos tratando com essa delicadeza. Ele está dizendo: “Olha, se você for ali, eu te mato, tá?”

Há muitos aspectos que ainda não somos capazes de entender, de compreender o que está sendo dito, e que estão à nossa disposição como um livro, uma cartilha. Estamos aprendendo uma nova maneira de nos comunicarmos entre nós, humanos, abrindo a possibilidade para nos comunicarmos além da nossa ideia de humano e fazermos uma observação crítica sobre como queremos atribuir, ao mundo de que fazemos parte, qualidades, projeções, que são exclusivamente de caráter humano. São sentimentos que cabem aos humanos.

A indústria de entretenimento, Hollywood e toda essa produção fantástica de conteúdo audiovisual, vive cometendo essa gafe gravíssima de atribuir a seres não humanos a paixão e a esquizofrenia dos humanos. A cultura de massa e a indústria do entretenimento confundem as crianças, desde pequenas, com uma série de complexidades e idiosincrasias próprias dos humanos.

Quando nossos parentes Ashaninka alertaram sobre o contágio, usaram a expressão: “O vírus sabe o que está fazendo”. Quando atribuímos a alguém uma ação que pode ser boa ou ruim para nós, a priori entendemos que ele tinha intenção, que sabia o que estava fazendo. Essa observação tem sido feita por pessoas de diferentes culturas.

Tem um querido amigo nosso, um parente da Mata Atlântica – essa floresta linda que a gente tem aqui no litoral –, que nos comunica um entendimento de seu povo Guarani Mbyá sobre a ideia do vírus: “Por que toda vez que ouvimos autoridades, sejam sanitaristas, cientistas ou políticos, eles falam como se estivessem fazendo uma guerra ao inimigo? Essa covid-19 aparece para eles como um terrível inimigo, e que todos devem ser convocados a uma guerra contra ele. Nós aprendemos que essa ameaça não deve ser tratada com uma linguagem de guerra. Ela deveria ser observada e conhecida a partir das nossas próprias práticas. Deveríamos nos recolher no fundo da floresta e, depois de mergulhar muito fundo, buscar esse refúgio interior na floresta que está dentro de cada um de nós. E lá na parte mais oculta dessa floresta, meditar, invocar e reconhecer que precisamos de força, de vida. Temos que invocar a vida. Não precisamos fazer uma guerra contra ninguém aqui fora. É algo que temos que conhecer por dentro.” Achei essa fala tão singular, tão radicalmente distinta do discurso de um inimigo que deve ser combatido. Essa observação parte do entendimento de que tudo tem motivação, e sabe a ação que está incidindo.

Não estou querendo complicar a informação que os cientistas têm de que o vírus sequer é alguma coisa viva. Ele não é um DNA, ele é um RNA. Ele é algo que nem alcançou esse estatuto de vivo. Mas, ora, o nome dele é vírus, é veneno. E o veneno tem intenção. É maravilhoso a gente alcançar esse aprendizado. Estamos aprendendo.

Neste ano de 2020, involuntariamente, me coloquei no lugar de divulgador científico. Achei interessante que não pudemos nos encontrar presencialmente, mas a maioria das minhas entrevistas, *lives* e palestras foram exatamente para dar conhecimento público às obras e ideias de cientistas que são contemporâneos nossos, que resgataram perspectivas que foram deixadas no começo do século XX sobre, por exemplo, o evolucionismo, sobre nós evoluirmos junto com toda a vida na Terra.

Essa situação de alguém que fez sua formação ouvindo os pajés, as plantas, agora poder cruzar com o pensamento científico e ajudar os colegas a divulgarem ideias como Gaia, um organismo complexo, ou a de um possível vírus que tem a intenção de nos reeducar para habitar um mundo que gostaríamos que fosse amplo o suficiente para caber todo mundo. Um reaprendizado sobre nós, humanos, e nossa arrogância em relação à vida. A vida que é maravilhosa, que vai muito além do estatuto dos homens.

Em 2020 celebramos a Declaração do Estatuto dos Direitos Humanos, e fui convidado para participar de vários debates sobre o tema. Não pude me omitir de dizer às pessoas que precisamos olhar para o direito dos não humanos. Que talvez tenhamos uma fixação exagerada em proteger os seres humanos, quando estes se tornaram uma ameaça à vida na Terra. Ao ponto de que, em *Ideias para adiar o fim do mundo* ou em *O amanhã não está à venda*, acabei deixando transparecer que os humanos estão se tornando uma peste na Terra.

Este texto, elaborado com base na conversa *on-line* de Ailton Krenak e Jeremy Narby em 21 de dezembro de 2020, dialoga com as ideias presentes no Caderno Selvagem *Invisibilidade e onipresença: o caso covid 19*, de Jeremy Narby.

A transcrição e a coedição dos textos são de Victoria Mouawad.

A revisão é de Sâmia Rios.

As conversas estão disponíveis em selvagemciclo.com.br.

AGRADECIMENTOS

Instituto Clima e Sociedade
Conservação Internacional Brasil

Cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2021

